**Nome:**  Thaís Trevisan Teixeira **n°USP** 7131872 08/05/2019

**a)** O “corte por cima” e o “corte por baixo”: o abuso de cesáreas e episiotomias em São Paulo.

**b)** Cartilha “fique amiga dela”

**c)** Anatomy of the clitoris

No cenário brasileiro há a cultura de que o parto vaginal rompe as estruturas da vagina e vulva de forma irreversível, comprometendo a estética e funcionalidade sexual da região. Além do fato de abreviar o prazer sexual apenas à região genital, esse discurso reafirma a ideia misógina de que o prazer que deve ser preservado é o masculino e não o feminino. A sexualidade é observada sob o ponto de vista do homem.

Não é incomum ouvir relatos de mulheres que receberam o “ponto do marido”, técnica atribuída quando a sutura vaginal é realizada para além dos limites anatômicos da vagina, com o intuito de deixar o introito vaginal mais apertado beneficiando o prazer masculino na penetração. Tal técnica causa dores nas mulheres ao sentar, exercer atividades cotidianas e na relação sexual.

Diniz e Chacham, em seu artigo “o corte por cima e o corte por baixo: o abuso de cesáreas e episiotomias em São Paulo” abordam com bastante detalhes as variáveis relacionadas ao abuso de cesarianas e episiotomias. Um dos argumentos para tais abusos seria justificado pela preservação da genitália feminina, já que livros-textos inclusive, relatam o dano causado no parto normal como responsáveis por uma frouxidão irreversível da vagina.

Quando se há a oportunidade, realiza-se a cesárea, entretanto em mulheres que não podem pagar pela cesariana a episiotomia é realizada de modo a “corrigir” a anatomia inadequada da vagina que pode causar danos fetais. A mesma lógica pode-se aplicar ao ponto do marido, que em tese, corrigiria um “dano irreversível” ao prazer masculino.

Em contrapartida aos mitos justificados “cientificamente” em relação ao parto vaginal e anatomia feminina, muito pouco sabia-se sobre a anatomia da região, tendo em vista que apenas no ano de 2005 foi descrito detalhadamente sobre a estrutura do clitóris. Neste mesmo artigo sobre a anatomia de um órgão tão importante ao prazer feminino, foi realizado um resgaste histórico sobre a descrição do órgão em livros de anatomia e a maioria desses ou citavam superficialmente ou ignoravam a existência do mesmo, enquanto dedicavam páginas à descrição anatômica do pênis.

Apesar do cenário histórico que permeia a sexualidade feminina, grupos de feministas e ativistas em prol da saúde coletiva, como o Coletivo Feminista de Sexualidade e Saúde em São Paulo, promovem cartilhas e oficinas para mulheres com o intuito de promover o autocuidado e conhecimento de seus corpos. Tais cartilhas abrangem desde a anatomia até condições patológicas genitais e como preveni-las. Estas inciativas tem como objetivo promover a saúde sexual e reprodutiva das mulheres, já que é suprimida por diversos setores sociais e culturais.

É essencial promover o autoconhecimento aliado o autocuidado das mulheres, pois desta forma as mesmas são capazes de questionarem condutas inadequadas, de promover e viver uma sexualidade saudável, além de se desapegar a velhos mitos. As mulheres saem da ideia imposta da sexualidade masculina ativa e feminina passiva e começam a compreender que seus corpos não precisam ser corrigidos, e que o processo fisiológico de um parto vaginal não traz danos, inclusive contribuem para melhorar consciência corporal, tendo em vista que é mais uma oportunidade da mulher explorar as possibilidades de seu corpo.